

A TRANSMISSÃO LINGUÍSTICA IRREGULAR COMO ELEMENTO DA REMARCAÇÃO PARAMÉTRICA DO SUJEITO NULO¹

Jacson Baldoino Silva²

Norma Lucia Fernandes de Almeida³

Resumo: As mudanças nas línguas são decorrentes de longos processos de variação nos quais participam diversos fatores, sejam eles genéticos ou socioculturais. Dessa forma, a mudança linguística não pode ser vista como consequência apenas de um fator biológico, mas de fatores nos quais participam a Língua, o Território no qual os falantes estão e a População (COUTO, 2019). Ela, portanto, é ao mesmo tempo social e mental, pois esses sistemas se interrelacionam nos processos de mudança e não podem ser vistos sob um ponto de vista dicotômico (CHOMSKY, 1981; PINTO; ANDRADE, 2019). Considerando isso, este artigo busca discutir, a partir de uma revisão de literatura, como a Transmissão Linguística Irregular (LUCCHESI; BAXTER, 2009) pode ser vista como um elemento propulsor que impulsionou o processo de remarcação paramétrica do Parâmetro do Sujeito Nulo no português brasileiro, visto que se configura como uma situação não prototípica de aquisição de linguagem. Portanto, a compreensão de processos de Transmissão Linguística Irregular aponta para a necessidade de se considerar fatores biológicos e socioculturais/sociointeracionais na aquisição de uma língua, sempre de um ponto de vista ecológico, pois a TLI é um parâmetro sócio-histórico que pos-

sibilita um maior entendimento da variação em determinados traços linguísticos, principalmente aqueles que dizem respeito a uma gramática internalizada e/ou variedade bastante (pensando-se em uma Língua-E) alterada quando comparada com a dos falantes nativos do território no qual a língua é utilizada (LUCCHESI; BAXTER, 2009/ MUFWENE, 2019).

Palavras-chave: Aquisição; Variação; Mudança; Transmissão Linguística Irregular; Sujeito Nulo.

1 Este trabalho é um recorte da dissertação de Silva (2023) defendida recentemente sob a orientação da Profa. Dra. Norma Lucia Fernandes de Almeida (PPGEL/UEFS), na qual se discute o processo de remarcação paramétrica do Parâmetro do Sujeito Nulo no português do Brasil. Agradecemos as contribuições da banca examinadora: Dra. Maria Eugenia Lammoglia Duarte (UFRJ) e Dra. Silvana Silva de Farias Araújo (UEFS).

2 Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana e doutorando na mesma instituição com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb).

3 Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas e docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Introdução

Considerações ecológicas nos obrigam a prestar mais atenção aos modos de transmissão, sobretudo se a escola teve algum papel no processo e se isso redundou em uma variedade que não era necessariamente a usada por falantes nativos em questão (MUFWENE, 2019, p. 8).

O estudo da remarcação paramétrica, dentro da Teoria de Princípios e Parâmetros, é também uma questão social, pois, como afirmam Pinto e Andrade (2019), quando o gerativismo coloca a aquisição da linguagem como fator principal da mudança, não abandona seu caráter mentalista/cognitivista, mas “abre *uma porta de diálogo* extremamente profícuo com as ciências sociais, no sentido de compreender quais são os possíveis gatilhos para a mudança linguística e como ela acontece” (PINTO; ANDRADE, 2019, p. 53; grifos nossos). Conforme demonstram os autores, de forma consistente, se a aquisição é o centro da mudança, essa se dá via aprendizagem de uma Língua-E⁴ (CHOMSKY; LASNICK, 2021[1993]) em circunstâncias sócio-históricas específicas, fazendo do gerativismo uma teoria também social. Os contextos sócio-históricos levados em consideração, neste trabalho, são, de forma geral, os de formação do Brasil, que se deu a partir dos contatos de povos e línguas (multilinguismo), e, de forma específica – mas como parte daqueles ainda –, os de formação das comunidades quilombolas, nas quais os descendentes dos africanos escravizados aprenderam o português de forma irregular.

Em situações de contato de povos e línguas, são comuns ocorrerem pidginização e/ou criouliização, processos a partir dos quais surgem um pidgin e/ou um crioulo, sendo aquele uma variedade alterada usada para comunicação que fará surgir uma nova língua – o crioulo (LUCCHESI; BAXTER, 2009; COUTO, 1996, 1998, 2019). Segundo Couto (2019, p. 99; grifos do autor), “por *pidginização* entende-se a formação de um pidgin, quer o consideremos uma língua, quer não. Por *criouliização*, entende-se a formação de uma língua crioula, uma vez que sobre esta não há a menor sombra de dúvida de que se trata de uma língua plena, como qualquer outra”. Geralmente, a pidginização antecede à criouliização, no entanto, é possível que um pidgin não se criouliize ou que um crioulo nasça sem um pidgin que o anteceda (COUTO, 1996, 1998, 2019). Todavia, como aponta Couto (2019), há muitas divergências sobre essa questão.

Considerando a língua numa perspectiva ecolinguística, isto é, numa visão na qual Língua, Território e População são observados nas suas interrelações (COUTO, 2019), sendo *Território* entendido tanto como a sociedade (Comunidade/População/Povo) que fala determinada língua, como o meio ambiente de interrelações, Couto (2019) apresenta essa tríade como o *Ecossistema Fundamental da Língua* que, por sua

4 A Teoria Gerativa tem diferentes concepções de língua: Língua-E (de externa) e Língua-I (de interna). Aquela pode ser entendida como um sistema de desempenho por trás do qual está um mecanismo gerador (CHOMSKY; LASNICK, 2021[1993]), que é a Língua-I. Segundo Chomsky e Lasnick(2021[1993]), essa é interna, individual e intencional; ou seja, cada indivíduo tem sua própria Língua-I que compartilha parâmetros semelhantes com outros indivíduos.

vez, se divide em três subecossistemas: social, mental e natural. Esses subecossistemas reforçam a visão de Pinto e Andrade (2019) de que social e mental não podem ser compreendidos de forma dicotômica, mas como sistemas relacionais, e pensar que o estudo da natureza biológica da linguagem é conflituoso com aqueles que se interessam pelo contexto e pela cultura é errôneo, pois “uma pesquisa séria numa dessas áreas tira conclusões a partir das outras” (CHOMSKY, 1981, p. 62).

Assim, seria interessante “[...] se pensar o contato entre línguas nos termos mais amplos de um processo de transmissão linguística irregular [TLI], e não nos termos estritos das situações típicas de pidginização e/ou criouliização” (LUCCHESI; BAXTER, 2009, p. 107). É nesse sentido que Lucchesi e Baxter (2009) e Mufwene (2019) apontam para a importância de se observar quais os modos de transmissão linguística que se dão para, a partir daí, analisar os processos de mudança e variação das línguas. E, como apontam Lucchesi e Baxter (2009), são nos processos de TLI, de tipo leve, que se pode explicar “a história das variedades populares do português do Brasil [PB] e do português afro-brasileiro em particular” (LUCCHESI; BAXTER, 2009, p. 123). Para os autores, as condições sócio-históricas de formação das comunidades afro-brasileiras – como é o caso da Mussuca (SILVA, 2023) – fazem dessas localidades verdadeiros laboratórios de pesquisa linguística nos quais se observa como a TLI atingiu a gramática do português europeu (PE), enquanto língua alvo, fazendo emergir a gramática brasileira ou, nos termos de Tarallo (2018[1993]), uma gramática genuinamente brasileira.

Tendo em vista essas questões, discutimos, nas duas seções que seguem, a sociolinguística paramétrica e os estudos sobre o sujeito pronominal no PB, centrando-se nos estudos de Duarte (1995, 2018a[1993]. 2019b). Essas duas seções são breves, pois apenas introduzem a reflexão sobre como a TLI, por meio da aprendizagem dos descendentes dos escravizados⁵, pode ter provocado a remarcação paramétrica do PB.

1 A Sociolinguística paramétrica

A compreensão da heterogeneidade, como intrínseca à natureza da língua e, portanto, também à competência linguística individual (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]), leva à busca pela descrição das variedades linguísticas, a fim de demonstrar os fatores independentes, sejam eles linguísticos e/ou sociais, que podem condicionar uma determinada variante e, assim, influenciar ou refrear o processo de mudança. Em relação a esse processo, é importante destacar que “nenhuma língua assumirá uma forma que viole os princípios formais postulados como universais nas línguas humanas” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968], p. 35), como é o caso dos princípios e parâmetros (CHOMSKY; LASNICK, 2021[1993]).

5 Sabemos que, no Brasil, os indígenas passaram também por um processo de escravização, mas o uso desse termo aqui sempre se referirá aos africanos escravizados.

No entanto, conforme observado por Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]), o termo “estrutural” não deve ser interpretado como sinônimo de homogeneidade, uma vez que o domínio de uma estrutura linguística não é uniforme (homogêneo) entre seus falantes, especialmente quando consideramos fatores sócio-históricos, como a aquisição do português pelos escravizados no Brasil. É nesse contexto que, ao analisarmos os dados linguísticos do português brasileiro (PB), podemos afirmar que a estrutura da língua portuguesa, em relação às propriedades linguísticas, é a mesma no Brasil, em Portugal e nos países africanos, porém, também há uma heterogeneidade estrutural específica em cada variedade, resultado de suas diferentes formações sócio-históricas. Por esse motivo, utilizamos adjetivos para especificá-los, como Português *Brasileiro*, Português *Europeu* e Português *Africano* - sendo que, dentro dessa última categoria, existem inúmeras outras variedades, como o Português *Angolano* e o Português *Moçambicano*.

Nesse sentido, é essencial compreender a língua como uma heterogeneidade estruturada, que não é disfuncional (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]). Portanto, é necessário descrever os fatores independentes linguísticos e sociais que motivam essa diversidade, ou seja, *variação*. Um desses modelos de descrição e, essa descrição é a integração da Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY; LASNICK, 2021[1993]) e da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]), que, no contexto brasileiro, ficou conhecida como *Sociolinguística Paramétrica* (TARALLO, 1989; TARALLO; KATO, 1989; DUARTE, 2016, 2019b). Essa abordagem conjunta permite descrever processos de variação paramétrica e, ao mesmo tempo, investigar sua relação não apenas com fatores linguísticos, mas também com fatores extralinguísticos/sociais, possibilitando responder às importantes questões empíricas da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]), como o encaixamento da mudança. Portanto, a Socioparamétrica tem como objetivo principal realizar uma análise cuidadosa dos processos de variação e mudança *intra* e *inter*-sistêmica, fornecendo generalizações preditivas de mudança alinhadas a um modelo paramétrico (TARALLO, 1989; TARALLO; KATO, 1989; AVELAR, 2011).

Nessa perspectiva, conforme mencionado por Avelar (2011), na Socioparamétrica, ocorre a formalização dos fatos gramaticais com base nos pressupostos gerativistas, aproveitando-se dos mesmos procedimentos metodológicos utilizados nas análises variacionistas. Isso demonstra que abordagens variacionistas podem se apoiar em pressupostos formalistas para a descrição e análise de dados, reconhecendo, conforme afirmado por Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]), que é a interação entre fatores linguísticos e sociais que impulsiona a mudança linguística. Nesse sentido, Lucchesi (2004) enfatiza a necessidade de a Sociolinguística contar com uma teoria de estrutura linguística que explique a atuação dos fatores linguísticos na mudança, e destaca que “essa demanda por uma teorização sobre o processo estritamente linguístico de estruturação da língua tem encontrado

soluções variadas na Sociolinguística Variacionista” (LUCCHESI, 2004, p. 193), entre as quais está a *Socioparamétrica*.

O casamento dessas duas teorias possibilita a compreensão de que parte do conhecimento linguístico é inato, mas que uma parcela desse conhecimento é também adquirida por meio de interações sociais individuais (PINTO; ANDRADE, 2019). E é nessa perspectiva que os estudos que investigam a importância das dinâmicas dos contatos linguísticos para a formação do PB, tendo com teoria linguística o gerativismo, têm se orientado, pois entendem que o processo de (re) marcação de parâmetros não é desprovido da influência de fatores sociais ou históricos, como bem discutiram Pinto e Andrade (2019). É partindo dessa premissa que defendemos, na seção 3, que a reestruturação paramétrica é impulsionada por mudanças no ambiente sociolinguístico, que levam à modificação dos dados da Língua-E para o aprendiz, fazendo com que a Língua-I seja aprendida com marcações paramétrica diferentes. No entanto, antes disso, um breve apanhando do Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN) faz-se necessário.

2 O Parâmetro do Sujeito Nulo: algumas questões a partir dos estudos duartinos⁶

A compreensão da linguagem como universal e de um estado inicial de aquisição dessa linguagem leva a teoria gerativista a buscar os Princípios e Parâmetros nas diferentes línguas (CHOMSKY, 1998; CHOMSKY; LASNICK, 2021[1993]). Segundo Chomsky e Lasnick (2021[1993]), os Princípios são conceitos abstratos e gerais, enquanto os Parâmetros são adquiridos e fixados, formando uma língua interna (Língua-I) na mente do falante, com base em dados linguísticos externos (Língua-E). No gerativismo, a variação linguística é limitada a opções específicas sobre como os princípios são aplicados. Para ilustrar isso, Chomsky (1998) faz uma analogia, descrevendo o elemento biológico da linguagem como uma rede de relações fixas (princípios), conectada a um painel de controle onde certas opções podem ser ativadas ou desativadas (parâmetros), dependendo da experiência linguística de cada indivíduo.

De acordo com Raposo (1992), os Parâmetros, baseados nos Princípios, atuam como interruptores linguísticos que terão seus valores finais e estáveis marcados somente durante o processo de aquisição, resultando no que Chomsky (1998) define como um “estado final relativamente estável” da gramática do indivíduo – sua Língua-I. Assim, é no processo de aquisição da linguagem que o indivíduo fixa os valores dos parâmetros de sua língua por meio do processamento dos dados linguísticos presentes no ambiente. Isso pode resultar em variações nos valores dos

6 A opção por apresentar os estudos sobre o sujeito nulo a partir de Duarte (1995, 2018a[1993]. 2019b) segue a do trabalho original (SILVA, 2023), que considerou a importância pioneira da autora.

parâmetros em relação a gerações anteriores, devido às modificações nos dados da Língua-E (CHOMSKY, 1998; LIGHTFOOT, 1999; LUCCHESI; RIBEIRO, 2009).

Como parte do *Princípio Evite Pronome*, o PSN tem sido bastante discutido no PB, principalmente a partir dos estudos de Maria Eugênia Duarte (1995, 2018a[1993]⁷). Nos últimos trabalhos, Duarte (2019b, 2020) tem defendido que o PB passa por um processo de remarcação paramétrica, ganhando o *status* de uma língua não *pro-drop*. Com isso, os contextos de omissão do sujeito têm se tornado cada vez mais restritos no PB, havendo uma nítida preferência pelo preenchimento dessa posição por um sujeito pronominal foneticamente (DUARTE, 1995, 2018a[1993], 2019b; ALMEIDA, 2005; ALMEIDA; CARNEIRO, 2009; LUCCHESI, 2009b; SILVA, 2023), como demonstram os exemplos que seguem:

- (1) **Eu** não sei dizer se pegou, que não, sei que **ele** correu, teve medo do tiro e marcou o cara.
 - (2) Quando entupia, **ele** batia a chave na emergência do motor, né?, aí parava.
 - (3) E assim, essa maré de manhã mesmo, assim cedo, que **a gente** sai, porque, quando **a gente** vai chegando, que entra, **ela** [a maré] já tá enchendo, aí já tira mais pouco ainda.
 - (4) **Nós** fazia roça aqui na casa de farinha aqui de baixo mais meu pai, quando **eu** era mais novo, agora num faço roça mais não.
 - (5) **Eles** [os ladrões] bota uns negócio nas coisas que **a gente** não sente nada.
- (SILVA, 2023, p. 105-104).

Os contextos de (2) e (4) são praticamente vencidos no PB, pois, nas primeiras orações independentes dos períodos, a opção é sempre pela realização fonética do sujeito (DUARTE, 1995, 2018a[1993]; SILVA, 2023). As orações relativas, como (5), no PB, são um contexto também praticamente vencido da mudança. Enquanto as relativas no PE, uma língua *pro-drop* prototípica (DUARTE, 2019b; KATO; MARTINS; NUNES, 2023), são geralmente realizadas com sujeitos nulos. Ou seja, o PB se distancia cada vez mais do PE, principalmente no que diz respeito ao preenchimento do sujeito pronominal, constituindo-se duas variedades com marcações paramétricas diferentes (DUARTE, 2019b; KATO; MARTINS; NUNES, 2023).

A hipótese de Duarte (1995, 2018a[1993]) é que a simplificação morfológica, provocada pela entrada de *você(s)* e *a gente* no quadro pronominal do PB, iniciou a mudança paramétrica nessa língua. Para Lucchesi (2009b), por sua vez, foi a diminuição nas marcas de concordância verbal, em decorrência da aquisição irregular do português pelos africanos (LUCCHESI; BAXTER, 2009), o elemento propulsor da mudança. A simplificação morfológica em decorrência de novos pronomes e a

7 A edição de 2018 da Editora Contexto é uma reedição do trabalho publicado, originalmente, em 1993 pela Editora da Unicamp. Contudo, aquela versão possui notas de rodapé que explicam e atualizam algumas informações da primeira edição do trabalho.

aquisição defectiva das marcas de concordância verbal pelos africanos envolvem questões em torno da mudança no sistema pronominal do PB.

Quadro 1: Mudança no paradigma flexional nos séculos XIX e XX.

	Pronomes Nominativos	Paradigma 1 Século XIX	Paradigma 2 Século XX/1	Paradigma 3 Século XX/2
1PS	Eu	canto	canto	Canto
1 PP	Nós	cantamos	cantamos	cantamos
	a gente	-	cantaØ	cantaØ
2 OS	Tu	cantas	cantas	canta(s)
	Você	-	cantaØ	cantaØ
2 PP	Vós	cantais	-	-
	Vocês	cantam	cantam	canta(m)
3 OS	ele, ela	cantaØ	cantaØ	cantaØ
3 PP	eles, elas	Cantam	Cantam	canta(m)

Fonte: Duarte (2018a[1993], p. 85; grifos da autora).

Observamos, no quadro acima, que a entrada dos pronomes *a gente* e *vo-cê(s)* resultou na perda da concordância verbal com o sujeito em determinados contextos, gerando uma reestruturação do paradigma flexional do PB. Essa falta de concordância é ainda mais evidente em alguns tempos verbais que possuem apenas duas formas morfológicas, indicando a concordância de número e pessoa.

Quadro 2: Uniformidade flexional no modo indicativo após a entrada de *você(s)* e *a gente* no quadro pronominal dom PB.

	Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito Perfeito
Eu	Canto	cantava	Cantei
Você	cantaØ	cantava	Cantou
ele, ela	cantaØ	cantava	Cantou
a gente	cantaØ	Cantava	Cantou
Vocês	Cantam	cantam	Cantaram
Eles, elas	Cantam	Cantam	Cantaram

Fonte: Elaboração dos autores (2023).

Da mesma forma que em outras línguas, a redução do paradigma flexional no PB obriga o falante a preencher mais frequentemente a posição de sujeito. Em um estudo sobre a relação entre sujeito nulo e morfologia verbal, realizado em três comunidades do interior da Bahia, Almeida (2005) observou que “possivelmente

a morfologia não desempenha mais o papel central na identificação dos sujeitos nulos” (ALMEIDA, 2005, p. 96). A autora constatou que, nessas comunidades, ainda são encontradas construções com sujeitos nulos, sendo necessário investigar a natureza desses sujeitos, uma vez que, mesmo quando a morfologia não permite sua recuperação, os falantes omitem os sujeitos, embora em menor frequência. Acreditamos que esse tipo de construção seja resquícios de uma gramática de sujeito nulos presente nas comunidades interioranas e/ou afro-brasileiras.

Para finalizar essa primeira parte, ressaltamos que, de forma geral, as discussões sincrônicas e diacrônicas de Duarte (1995, 2018a[1993], 2019b) apresentam uma visão panorâmica sobre o processo de mudança paramétrica e implementação do sujeito nulo no PB, com dados que vão de 1845 a 2010. Contudo, os dados não podem ser aplicados de forma absoluta ao processo de variação e mudança no PB, mas, como ressaltou a autora (DUARTE, 2018a[1993]), podem indicar tendências de uso em cada época.

Um dos fatores que contribuem para a implementação da mudança do PB com preferência para o preenchimento do sujeito é, segundo Duarte (1995, 2018a[1993], 2019b), o enfraquecimento da concordância verbal que dificulta o licenciamento de sujeitos nulos, forçando o preenchimento da posição de sujeito. Dessa forma, quando há, o sujeito nulo não é mais recuperado pela morfologia, mas por outro nível linguístico, como o sintático (DUARTE, 2019b) ou discursivo (ALMEIDA, 2005). No PB, é inegável que a gramaticalização das formas *você(s)* e *a gente* foi o propulsor da mudança no paradigma flexional/pronominal dessa variedade.

Duarte (1995, 2018a[1993], 2019b) mostrou que a primeira e segunda pessoa são contextos nos quais a mudança está bem avançada, estando praticamente concluída na segunda pessoa. A terceira pessoa, por sua vez, apresenta-se como um contexto de resistência, favorecida pelo traço [+animado], mas que já indica também um processo de mudança em direção ao sujeito pronominal, uma vez que sujeitos pronominais com traço [-animado] começam também a ser preenchidos (DUARTE, 2019b; SILVA; 2023), como demonstrado em (6); em Silva (2023), a segunda pessoa se mostrou como um contexto de resistência em decorrência de um número elevado de interrogativas, um contexto favorecedor do sujeito nulo (DUARTE, 2018a[1993]). Duarte (2019b) mostrou também que os sujeitos de terceira pessoa apresentam uma maior resistência quando estão em um padrão sintático de c-comando e com estruturas adjacentes, desde que o elemento correferente esteja na mesma função de sujeito e não gere ambiguidade.

a. Quando foi no domingo, umas três e meia, eu vim me embora, de lá [...]. Desci. Eu digo “sabe de uma coisa, eu não vou pra casa”. Já tinha essa casa aqui, feito essa [inint]... essa casinha aqui, **ela** era daí pra cá.

b. Aí vamo ter que procurar um lugar melhor, tem que procurar um lugar melhor de soltar ela [a rede]. Nós vem soltando ela, **ela** vem certinha

assim óh, aí deixa ela lá, dá um tempinho, aí quando **ela** sair um pouco, aí volta, aí vem pegando ela, aí puxando e tirando.

(SILVA, 2023, p. 108).

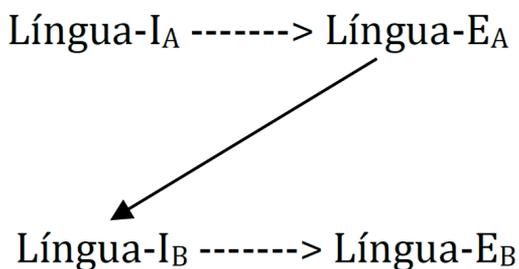
A realização do sujeito pronominal, com sujeitos inanimados, é o indício de que o PB tem se tornado uma língua não *pro-drop*, uma vez que, no PE, esse tipo de sujeito pronominal atinge índices categóricos, favorecendo o licenciamento do sujeito nulo.

De forma geral, os dados de Duarte (1995, 2018b[1993], 2019b), como representativos do PB, mostram que, desde 1845, já havia uma mudança paramétrica em curso nessa variedade. A autora mostra que, com o passar dos anos, o sujeito pronominal realizado é a opção preferida pelos brasileiros, sendo os contextos de terceira pessoa aqueles que apresentam uma resistência, que, no século XXI, já não é tão forte como no século XIX, mostrando que a mudança do PSN está se implementando no sistema linguístico da variedade brasileira.

3 Transmissão linguística irregular, aprendizagem e mudança linguística

Em um período de aquisição de linguagem, o indivíduo, a partir da exposição a dados linguísticos de falantes adultos e conduzido por um bioprograma da linguagem, configura uma gramática particular, que, no gerativismo, é entendida como Língua-I (CHOMSKY; LASNICK, 2021[1993]), que, por sua vez, é parametrizada segundo os dados do *input* oriundos da sua experiência linguística com uma determinada Língua-E. O que acontece nesse processo é que a Língua-I da criança aprendiz – a Língua-I_B – não será igual à do adulto – a Língua-I_A:

Figura 1: Esquema de aquisição linguística com base no gerativismo.



Fonte: Pinto e Andrade (2019, p. 46).

Entretanto, apesar dessa não semelhança, pode-se falar em relativa homogeneidade linguística, mas que não pode ser entendida como uma igualdade absoluta (PINTO; ANDRADE, 2019). Em tese, em uma situação prototípica, num período de

aquisição, as línguas não mudariam, pois o *output* da criança seria convergente com o *input* do adulto, ou seja, eles teriam Línguas-I idênticas. Contudo, essa aprendizagem se dá em um território e com uma população que se interrelacionam – a relação ecolinguística da Língua, Território e Povo (COUTO, 2019) –, sendo que isso fará com que a criança adquira sua primeira língua e com que interprete o *input* de forma diferente, produzindo um *output* diferente do recebido – a Língua-E_B – (PINTO; ANDRADE 2019), o que gera a mudança na marcação do valor dos parâmetros de uma língua.

Nessa perspectiva, é fundamental o entendimento de que o gerativismo “defende que uma parte do conhecimento linguístico seja inata e não todo ele o seja” (PINTO; ANDRADE, 2019, p. 44), tendo uma parcela oriunda das sociointerações do indivíduo. Não sendo todo o conhecimento linguístico inato, os estudos atuais do gerativismo, a partir do modelo de Princípios e Parâmetros, não podem ser considerados sociais ou a-históricos (PINTO; ANDRADE, 2019), uma vez que a compreensão da remarcação paramétrica é motivada por alguma alteração no ambiente sociolinguístico, fazendo com que o dado de Língua-E se modifique para o aprendiz. Assim:

A mudança linguística no modelo gerativista não tem direcionalidade, não tem força, não tem tendência, não tem deriva. A mudança linguística no quadro da gramática gerativa é explicada a partir da análise dos dados linguísticos feita pela criança durante o processo de aquisição. Uma vez que a criança precisa de exposição aos dados linguísticos para adquirir uma língua e só é exposta a eles se viver em sociedade, *o problema da mudança paramétrica se torna, então, um problema social [...] (PINTO; ANDRADE, 2019, p. 53; grifos nossos).*

Dessa forma, os estudos mais recentes da Teoria de Princípios e Parâmetros, principalmente os desenvolvidos no âmbito da Sociolinguística Paramétrica, podem ser enquadrados no quadro da Linguística Histórica⁸, pois abrem um diálogo com as ciências sociais (PINTO; ANDRADE, 2019). Como consequência de um avanço teórico, o gerativismo percebeu que “o gatilho inicial de toda mudança seria de ordem externa” (PINTO; ANDRADE, 2019, p. 57), uma vez que, conforme a imagem acima, a Língua-I – de natureza mental – é formada a partir da interpretação dos dados da Língua-E – situada em um determinado contexto sócio-histórico.

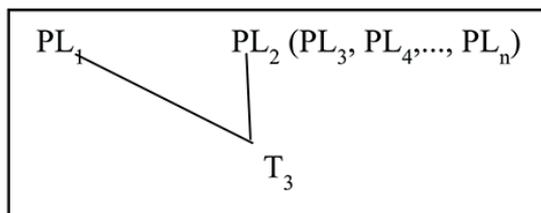
Entretanto, as situações de aquisição de linguagem, como dito, nem sempre são prototípicas: interação entre um adulto (Língua-E) e uma criança (que forma sua Língua-I). Nos contextos de multilinguismo, como no Brasil Colônia, a forma não-prototípica – falantes adultos expostos a outras línguas(-E), aprendidas como

8 Considerando a distinção entre linguística histórica *lato sensu* e *stricto sensu* de Mattos e Silva (2000, 2004), diversos trabalhos de base gerativista podem ser enquadrados em uma ou em outra vertente. Esta pesquisa situa-se na vertente *lato sensu* da linguística histórica, pois trabalha com dados (sincrônicos) datados e localizados.

segunda língua – é a mais comum, principalmente quando há uma relação de subalternização de um povo sobre o outro, como se deu no período de escravização dos povos africanos no Brasil.

Nos termos de Couto (2019), os contatos de línguas/povos africanos e portugueses, ocorridos durante a colonização do Brasil, se configuram na seguinte situação de interação:

Figura 2: Situação de contato de línguas no Brasil Colônia.



Fonte: Couto (2019, p. 53).

O deslocamento – forçado – de povos africanos para o Brasil e o contato linguístico e povolístico com os portugueses podem ser lidos nos termos de um povo mais forte (PL_1) – portugueses – e outro mais fraco (PL_2) – os africanos (e aqui deve-se entender *povos* em toda a sua pluralidade) – que se deslocaram para o território de um terceiro povo (T_3) – os indígenas⁹ (também no plural); as definições de *forte* e *fraco* no autor devem ser entendidas como carregadas de um semanticismo político, devendo ser compreendidas como um *povo dominador* e outro *dominado*. Segundo Couto (2019), nessa situação de contato, outros povos, com suas respectivas línguas, podem habitar também no território, como os indígenas no Brasil, o que está indicado por PL_3, PL_4, \dots, PL_n na imagem acima. Para o autor, “essa situação é a ideal para o surgimento de um pidgin e de um crioulo” (COUTO, 2019, p. 53), contudo, no Brasil, não ocorreu um processo de pidginização e/ou criouliização que se expandisse em todo o território, por isso que Tarallo (2018[1993]) chega a afirmar a não necessidade de uma discussão sobre a formação de pidgins/crioulos no Brasil – ainda que de forma prematura, pois não havia muitos dados de língua oral sendo estudados no período que o autor escrevia e, quando havia, eram oriundos de variedades urbanas cultas.

Entretanto, o que define um pidgin/crioulo são as suas condições de formação (COUTO, 1996, 2019; LUCCHESI, 2019) e as formações das comunidades afro-brasileiras, desde o período escravocrata com os quilombos, emolduram-se, em parte, nessas circunstâncias. Os contextos de surgimento dessas comunidades podem ser colocados como situações crioulizantes (COUTO, 1996), uma vez que não se

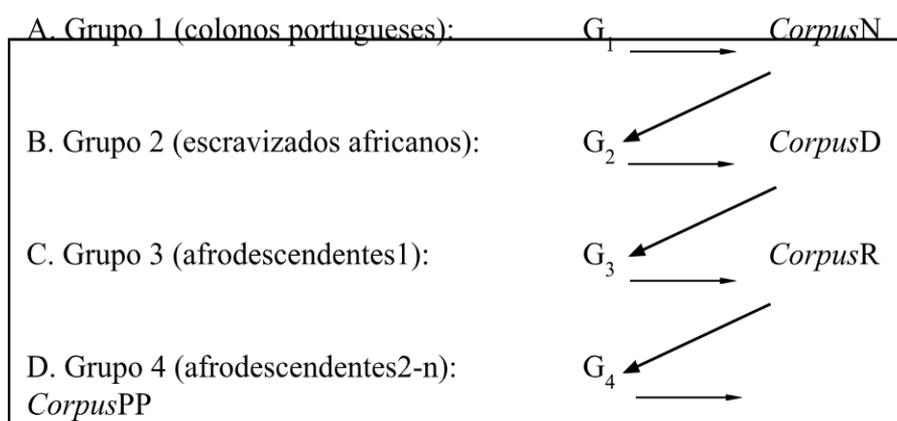
9 O contato desses povos com os portugueses enquadra-se em outra situação de contato definida por Couto (2019, p. 52): “o segundo tipo de contato se dá quando é o povo “mais forte” (PL_1) que se desloca para o Território (T_2) do povo “mais fraco” (PL_2) [...] [podendo] haver também outros povos com respectivas línguas (PL_3, PL_4, \dots, PL_n)”.

encaixam em todos os critérios de um crioulo, como a inserção dos africanos na sociedade brasileira, não ficando totalmente isolados (MATTOS E SILVA, 2004; LUCCHESI, 2019), como ocorreu com os escravizados no Caribe (LUCCHESI, 2019), e o intenso processo de miscigenação (LUCCHESI, 2019).

As possíveis variedades pidginizadas/crioulizadas do português não se espalharam pelo território brasileiro, ficando circunscritas a algumas localidades, como Helvécia (FERREIRA, 1984; LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009), passando, posterior e possivelmente, por um processo de descrioulização – aproximação da língua do superestrato (COUTO, 1996). Dessas situações, o que ficou de evidência foram variedades alteradas/reestruturadas do português, das quais as mais fortes são aquelas que se enquadram no *português afro-brasileiro* e no *português popular* (LUCCHESI, 2015).

Assim, o esquema de aquisição de Pinto e Andrade (2019) e a situação de contato apresentada por Couto (2019) apontam, de certa forma, para o esquema de aquisição em situação de contato apresentado por Lucchesi e Ribeiro (2009), adaptado de Robert (2007 *apud* LUCCHESI; RIBEIRO, 2009), para a situação afro-brasileira de formação do PB:

Figura 3: Modelo de aquisição para a situação de contato afro-brasileira.



Fonte: Lucchesi e Ribeiro (2009, p. 145).

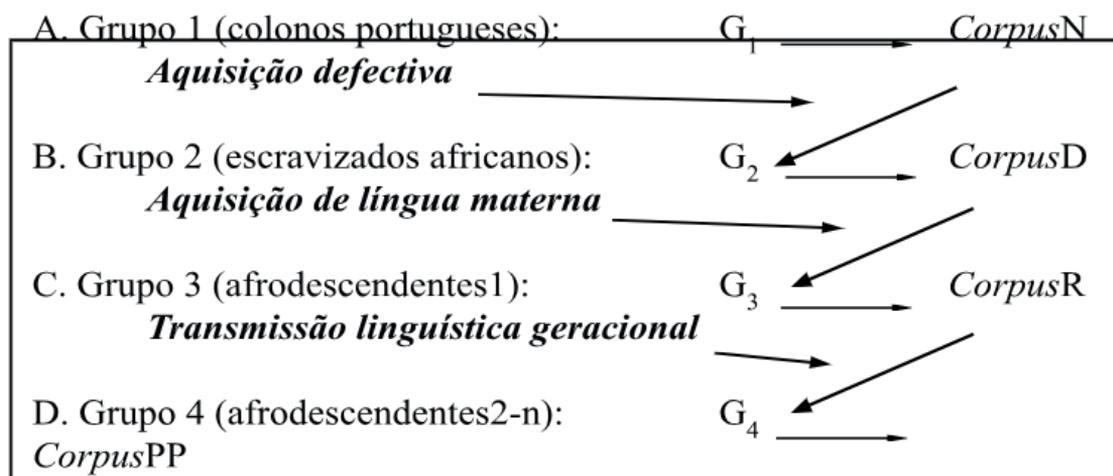
Se, nos termos de Couto (2019), a dominação de um povo “mais forte” sobre um “mais fraco”, em um território diferente de ambos, foi a característica da situação de contato no Brasil e a aquisição linguística, conforme o esquema de Pinto e Andrade (2019), se dá através de uma Língua-E que fornece os parâmetros para a formação de uma Língua-I, sendo que, nessa transmissão – real e não prototípica –, a remarcação paramétrica ocorre. Assim, a consequência da aquisição linguística na situação afro-brasileira, dentro desse contexto, é a formação de um português popular (*CorpusPP*¹⁰) que carrega características marcantes do contato do Grupo

10 *Corpus* do português popular (LUCCHESI; RIBEIRO, 2009).

1 (colonos portugueses) com o Grupo 2 (escravizados africanos), seguida de uma possível descrioulização (LUCCHESI; RIBEIRO, 2009).

Desdobrando o esquema acima, Lucchesi e Ribeiro (2009) definem como a aquisição se dá de um grupo para outro:

Figura 4: Aquisição entre os grupos na situação de contato afro-brasileira.



Fonte: Adaptado de Lucchesi e Ribeiro (2009, p. 145-146).

Durante essas diferentes aquisições/transmissões linguísticas pode ocorrer uma mudança na marcação do valor de um parâmetro, sendo a aprendizagem linguística o seu elemento propulsor. Na *aquisição defectiva*, o adulto, com uma Língua-I estável, adquire uma segunda língua sem uma instrução formal – de oitiva (MATTOS E SILVA, 2004). Sobre isso, Mattos e Silva (2004) afirmam que a língua portuguesa “que se constituiu no período colonial e no primeiro século de independência tinha de ser, na sua maciça maioria, adquirida naturalmente, assystematicamente, sem interferência do ensino escolar, como língua transmitida apenas na oralidade generalizada” (MATTOS E SILVA, 2004, p. 40). Assim, é normal que a aquisição do português seja irregular nesse período, já que a transmissão linguística também o foi.

Dessa forma, o indivíduo que aprendeu de maneira irregular ofereceu, consequentemente, dados de Língua-E diferentes daqueles do Grupo 1 (colonos) para os seus descendentes (Grupo 3), gerando assim uma língua materna (Língua-I) diferente do dado inicial (*CorpusN*). Essa TLI fará com que o Grupo 4, a segunda geração de afrodescendentes, utilize uma variedade bastante alterada do português, dando origem ao PB popular (*CorpusPP*).

Em relação ao PSN, essa mudança pode ser representada da seguinte maneira:

Quadro 3: Ilustração da mudança do PSN durante a aquisição linguística na situação afro-brasileira.

	Input	Output
Grupo 1 (colonos portugueses)	+	+
Grupo 2 (escravos africanos)	+	+/-
Grupo 3 (afrodescendente-1)	+/-	+/-
Grupo 4 (afrodescendentes2-n)	+/-	+/- Tendência ao +

Fonte: Silva (2023, p. 39).

O quadro acima mostra que, em razão de uma TLI e por influência de sua própria língua, os escravizados adultos, quando aprenderam o português, produziram dados diferentes do PE: apesar de receberem uma marcação positiva para PSN (*input*), provavelmente a alteraram parcialmente (*output*). Essa mudança na marcação do valor de um parâmetro pode ter sido ocasionada pelo fato dos africanos poderem “ter tido acesso a uma gramática do sujeito nulo, tanto através da gramática do PB, quando através da gramática do PE” (ALMEIDA; CARNEIRO, 2009, p. 73). Contudo, essa transmissão/aprendizagem eventualmente pode ter acontecido de forma diferente para os escravizados que moravam na corte ou em regiões mais urbanas e aqueles que permaneceram constantemente na zona rural – considere-se que o Brasil foi até o século passado um país predominantemente agrário (BORTONI-RICARDO, 2004, 2005; LUCCHESI, 2015).

Desta forma, esses elementos evidenciam que a aquisição de uma língua é um processo sempre impreciso, uma vez que não há garantias de que todos os aprendizes convergirão para uma mesma gramática, mesmo quando expostos ao mesmo conjunto de dados primários (LUCCHESI; RIBEIRO, 2009; SILVA, 2023). O equívoco cometido por Tarallo (2018[1993]), ao afirmar prematuramente que não ocorreu no PB qualquer processo de criouliização, é resultado da falta de consideração dos diversos contextos de aquisição linguística possíveis. É importante ressaltar que, na época em que Tarallo (2018[1993]) fez tal afirmação, as pesquisas linguísticas, no Brasil, eram incipientes e predominantemente voltadas para as variedades urbanas cultas, o que limitava a compreensão dos diferentes processos de formação e desenvolvimento linguístico no país, e a possibilidade de se pensar em processos de criouliização localizados, das quais as variedades reestruturadas do PB popular podem ser os vestígios.

Desenvolvendo a questão da mudança do PSN nas comunidades afro-brasileiras de Helvécia, Cizento e Barra/Bananal, no Município de Rio de Contas (BA), Lucchesi (2009b) trabalha com a hipótese de que foi o enfraquecimento da Concordância Verbal (CV) o elemento gatilho para a remarcação paramétrica na variedade popular do PB, reafirmando “a ideia de que a propriedade de sujeito referencial nulo (*pro-drop*) está fortemente ligada a uma morfologia flexional

de pessoa e número do verbo suficientemente forte para permitir a recuperação pronominal *pro*” (LUCCHESI, 2009b, p. 171).

Assim, na base da mudança do PSN, estariam dois fenômenos que estão intimamente ligados, podendo o primeiro ter motivado o outro num movimento de encaixamento linguístico (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]): a entrada de *você(s)* e *a gente* no sistema pronominal (DUARTE, 1993, 1995, 2018a, 2019b) e o enfraquecimento da CV (LUCCHESI, 2009a) – principalmente nas comunidades rurais. Sobre isso, Lucchesi (2009b) comenta:

Para a autora [DUARTE, 1993, 2018a], a elevação do nível de realização do sujeito estaria relacionada com a substituição do pronome pessoal *tu* pelo pronome de tratamento *você* e com a concorrência da expressão *a gente* com o pronome *nós*; processos que ganham corpo nas primeiras décadas do século XX e que levam a uma expressiva redução na flexão verbal, pois, tanto com *você*, quando com *a gente*, o verbo se mantém na forma da 3ª pessoa do singular, ou seja, sem um morfema específico de pessoa e número. Com isso, em alguns tempos verbais, como no imperfeito do indicativo, a flexão verbal restringe-se a apenas duas pessoas [...]. *Tal enfraquecimento da flexão verbal estaria, portanto, na base do enfraquecimento da propriedade de licenciar o sujeito referencial nulo no PB* (LUCCHESI, 2009b, p. 173; grifos nossos).

Portanto, o maior preenchimento da posição de sujeito referencial é consequência desses dois fatores, pois o não reconhecimento via morfologia verbal fez com que o sistema linguístico se reorganizasse e o falante percebesse a necessidade de um maior preenchimento da posição de sujeito, pois “[...] uma mudança num estado de língua implica necessariamente outra mudança *ex hypothesi*, de modo que o evento A possa ser designado como causa da mudança de B” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 62). Em outras palavras, a pronominalização de *você* e *a gente* (evento A) motivou mais ainda a variabilidade da flexão verbal no PB (evento B), principalmente em variantes mais populares; e esses agentes (A e B), ao modificar o sistema pronominal, foram os principais gatilhos para a mudança do PSN.

Segundo Duarte (2019b), a evidência de que os pronomes *você(s)* e *a gente* já podiam ser encontrados em dados do século XVIII e XIX, período anterior ao processo de gramaticalização dessas formas, “é, pois, um argumento contra a hipótese de que a redução do paradigma flexional seria anterior à gramaticalização de ambos” (DUARTE, 2019b, p. 95). Ou seja, para a autora, a redução do paradigma flexional do PB é consequência do aparecimento dessas novas formas e do contato com as línguas africanas. Apresentando dados de Almeida e Carneiro (2009), que atestaram a preferência pelo sujeito nulo em 53 atas da Sociedade Protetora dos Desvalidos, a autora afirma que “o português adquirido por afrodescendentes não apresenta resultado diferente do adquirido por brasileiros” (DUARTE, 2019b, p. 95),

isto é, a sintaxe é adquirida de forma igual por aprendizes de PB, independente se como L1 ou L2, não havendo um período crítico para a sua aquisição (KATO, 2003).

Sobre isso, Lucchesi (2009a) trabalha com a hipótese de uma TLI durante o período de escravidão no Brasil. Nesse período, os escravos africanos aprenderam o português como segunda língua de forma deficiente, fazendo com que houvesse um processo de pidinização, que se constituiu de uma simplificação da língua-alvo – o PE – pelos africanos, mas que, no Brasil, não fez com que o português se crioulesse (LUCCHESI, 2017, 2019). Contudo, Lucchesi (2015, 2017), estudando comunidades afro-brasileiras e populares, afirma que algumas dessas simplificações, como a não concordância, estão sendo readquiridas pelos mais jovens. Segundo o autor, esse processo é característico de uma das fases da história sociolinguística do Brasil, o *nivelamento linguístico*, “no qual a norma urbana de prestígio se impõe a diversos segmentos sociais, aplainando a antiga diversidade dialetal diatópica [do PB]” (LUCCHESI, 2017, p. 373). Contudo, apesar desse nivelamento linguístico, ainda há formas que distinguem os grupos populares e não populares (LUCCHESI, 2015).

É interessante observar também que a redução expressiva da morfologia flexional do verbo pode ser consequência ainda de uma baixa escolaridade do falante (ARAÚJO, 2014, 2016). E percebe-se que, mesmo com a aquisição da CV padrão por parte dos mais jovens via escolarização (LUCCHESI, 2009a), a posição de sujeito continua sendo preferencialmente preenchida – isso pode indicar uma remarcação paramétrica já em processo de finalização:

Diferentemente do que ocorre com a morfologia flexional, em que as variedades populares do PB apresentam uma tendência de incremento do uso da morfologia flexional (ou seja, uma mudança que elimina os efeitos do contato entre línguas nesses dialetos), no que concerne à variação paramétrica, não se observa um quadro de incremento do sujeito nulo (LUCCHESI, 2009a, p. 182).

Lucchesi (2009a) argumenta que o fato do preenchimento do sujeito não ser afetado, mesmo que a morfologia verbal esteja sendo recuperada em razão de um fator subjetivo mais sensível dos falantes à avaliação na variação de concordância, pode se dar porque o sujeito nulo não é avaliado subjetivamente pelo indivíduo, ou seja, não é uma comutação linguística que recebe apreciação social negativa – algo já apontado por Duarte (1995). Diante disso, concorda-se com Duarte (2020) que a variação paramétrica do PB está mais lenta em razão da finalização da mudança de positiva para negativa em relação ao *princípio “evite pronome”* e, por isso, há uma convergência dos resultados das diversas descrições e análises desse fenômeno. Portanto, nessa perspectiva, a autora assumiu recentemente uma posição, no sentido de que o PB tende a se tornar uma língua não *pro-drop*, que está no final da remarcação paramétrica, sendo essa mudança consequência, entre outras coisas, do processo de aquisição por parte dos africanos e afrodescendentes.

Considerações Finais

A aquisição de uma língua é um dos processos responsáveis pelas variações e mudanças nas línguas. Quando a questão é uma mudança paramétrica, nos termos da Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY; LASNICK, 2021[1993]), ela é o principal processo, pois os aprendizes modificam a marcação do parâmetro porque recebem dados linguísticos que são diferentes das gerações anteriores. Essa remarcação faz com que gramáticas de Línguas-I compitam entre si durante um longo tempo, produzindo dados de Língua-E que oscilam entre a marcação positiva e negativa de um parâmetro.

Essa compreensão da aprendizagem como uma questão também social não faz com que o gerativismo abandone seu pressuposto mentalista de língua, pelo contrário, possibilita diálogos com outras áreas, principalmente com as ciências sociais, entre as quais História, Sociologia e Antropologia; além de dialogar com outras correntes da linguística, a exemplo da sociolinguística – interação que fez emergir a sociolinguística paramétrica (TARALLO; KATO, 1989; DUARTE, 2019a).

Com isso, a compreensão de processos de Transmissão Linguística Irregular aponta para a necessidade de se considerar fatores biológicos e socioculturais/sociointeracionais na aquisição de uma língua – sempre de um ponto de vista ecológico, pois a TLI é um parâmetro sócio-histórico que possibilita um maior entendimento da variação em determinados traços linguísticos, principalmente aqueles que dizem respeito a uma gramática internalizada e/ou variedade bastante (pensando-se em uma Língua-E) alterada, quando comparada com a dos falantes nativos do território no qual a língua é utilizada (LUCCHESI; BAXTER, 2009/ MUFWENE, 2019).

Essas múltiplas formas de aquisição e/ou transmissões linguísticas ocorreram de forma defectiva, pois os adultos, que já tinham uma Língua-I estável, foram expostos à outra língua, que aprenderam sem nenhuma instrução, apenas de oitiva – sendo esse o contexto de formação do português falado/aprendido no período do Brasil Colônia e Império. Portanto, se a aprendizagem do português pelos africanos foi irregular, também teriam que ser as formas de transmissão linguística desses para seus descendentes, considerando que marcaram seus parâmetros linguísticos com uma interferência direta da sua língua materna e, dessa forma, ofereceram um *input* diferente para as gerações seguintes de afrodescendentes.

Assim, esses fatores mostram que “a aquisição de uma língua é um processo sempre impreciso, ou seja, nada garante que todos os aprendizes vão convergir para uma mesma gramática, mesmo a partir de um mesmo conjunto de dados primários [*input*]” (LUCCHESI; RIBEIRO, 2009, p. 144). O equívoco de Tarallo (2018[1993]) – ou a precoce afirmação por uma ausência de dados, já que as pesquisas linguísticas no Brasil eram incipientes ainda e se interessavam, predominantemente, pelas variedades urbanas – em afirmar que, no Brasil, não houve nenhum processo de crioulização, ainda que localizada, ou uma TLI, é consequência da não consideração desses contextos diversos de aquisição linguística.

IRREGULAR LINGUISTIC TRANSMISSION AS AN ELEMENT OF PARAMETRIC RE-MARKING OF NULL SUBJECTS

Abstract: Changes in languages arise from long processes of variation involving various factors, whether genetic or sociocultural. Thus, linguistic change cannot be seen as a consequence solely of a biological factor, but rather as a result of factors encompassing Language, Territory, and Population (COUTO, 2019). Therefore, it is both social and mental, as these systems interrelate in processes of change and cannot be viewed dichotomously (CHOMSKY, 1981; PINTO; ANDRADE, 2019). Taking this into consideration, this article aims to discuss, based on a literature review, how Irregular Linguistic Transmission (LUCCHESI; BAXTER, 2009) can be seen as a driving force that propelled the process of parametric reanalysis of the Null Subject Parameter in Brazilian Portuguese, as it represents a non-prototypical language acquisition situation. Therefore, understanding Irregular Linguistic Transmission processes highlights the need to consider biological and sociocultural/sociointeractional factors in language acquisition, always from an ecological perspective, as TLI is a sociohistorical parameter that provides greater insight into variation in specific linguistic features, especially those related to an internalized grammar and/or significantly altered variety (considering Language-E) when compared to that of native speakers in the territory where the language is used (LUCCHESI; BAXTER, 2009/ MUFWENE, 2019).

Keywords: Acquisition; Variation; Change; Irregular Linguistic Transmission; Null Subject.

Referências

ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes. *Sujeito nulo e morfologia verbal no português falado por três comunidades do interior da Bahia*. Orientadora: Profa. Dra. Charlotte Marie Chambelland Galves. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes; CARNEIRO, Zenaide. Sujeito. In: LOBO, Tânia.; OLIVEIRA, Klebson. (org.). *África à vista*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 50-69. Disponível em: < <https://static.scielo.org/scielobooks/48/pdf/lobo-9788523208882.pdf>>. Acesso em 30 de março de 2023.

ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. *A concordância verbal no português falado em Feira de Santana-Ba: sociolinguística e sócio-história do português brasileiro*. Orientador: Prof. Dr. Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti. Tese (Doutorado em Língua e Cultura), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/27830/1/TESE%20VERS%c3%83O%20FINAL%20Silvana%20Silva%20de%20Farias%20Araujo.pdf>>. Acesso em 30 março de 2023.

ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. A concordância verbal nos *continua sociolinguísticos do Português Brasileiro e do Luandense*. *Revista Interdisciplinar*, Sergipe, ano XI, v. 24, jan./abr. 2016. Disponível em: < <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/5399/4424>>. Acesso em 30 março de 2023.

AVELAR, J. *Expressões de Tempo Decorrente com TER e HAVER na fala carioca*. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 8, p. 161-180, 2011.

- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna. A sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemu na escola, e agora? Sociolinguística & educação*. São Paulo: Parábola, 2005.
- CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, Noam. *Linguagem e pensamento*. Brasília: UnB, 1998.
- CHOMSKY, Noam; LASNICK, Howard. A Teoria de Princípios e Parâmetros. In: CHOMSKY, Noam. *O Programa Minimalista*. Tradução Eduardo Paiva Raposo. São Paulo: Editora Unesp, 2021[1993]. p. 57-214.
- COUTO, Hildo Honório do. *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1996.
- COUTO, Hildo Honório do. Um cenário para criouliização sem pidginização. *Revista Estudos da Linguagem*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 5-30, 1998. Disponível em: < <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/download/2181/2120>>. Acesso em 30 março de 2023.
- COUTO, Hildo Honório do. *Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Homenagem a Fernando Tarallo. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 107-128.
- DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. *A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro*. Orientadora: Profa. Dra. Mary A. Kato. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995. Disponível em: < <http://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=492707>>. Acesso em: 30 março de 2023.
- DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. Sociolinguística “Paramétrica”. In: MOLLICA, Maria Cecilia; FERRAREZI JUNIOR, Celso. *Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 33-44.
- DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no Português Brasileiro. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (org.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Homenagem a Fernando Tarallo. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2018a[1993]. p. 83-103.
- DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. A Sociolinguística “paramétrica”: desfazendo alguns equívocos. *Guavira Letras*, Três Lagos/MS, v. 15, n. 31, p. 124-140, set./dez. 2019a. Disponível em: < <https://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/download/868/606>>. Acesso em 30 março de 2023.
- DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. O sujeito nulo referencial no Português Brasileiro e no Português Europeu. In: GALVES, Charlotte; KATO, Mary;

- ROBERTS, Ian. *Português brasileiro: uma segunda viagem diacrônica*. Homenagem a Ilza Ribeiro. Campinas: Editora da Unicamp, 2019b. p. 93-126.
- DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. A remarcação em curso no valor do Parâmetro do Sujeito Nulo. *Cuadernos de la ALFAL*, n. 12, v. 2, p. 71-99, noviembre 2020.
- FERREIRA, Carlota. Remanescentes de um falar crioulo brasileiro. In: FERREIRA, Carlota et al. *Diversidade do português do Brasil*. Salvador: EDUFBA, 1984. p. 21-32.
- KATO, Mary. Child L2 acquisition: an insider account. In: MÜLLER, Natascha (ed.). *Vulnerable domains in Multilingualism*. [s.l.]: John Benjamins, 2003. p. 271-93.
- KATO, Mary; MARTINS, Ana Maria; NUNES, Jairo. *Português brasileiro e português europeu: sintaxe comparada*. São Paulo: Editora Contexto, 2023.
- LIGHTFOOT, David. *The development of language: acquisition, change, and evolution*. Malden: Blackwell, 1999.
- LUCCHESI, Dante. História do contato entre línguas no Brasil. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009a. p. 44-73. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/209/4/O%20Portugues%20Afro-Brasileiro.pdf>>. Acesso em 30 de março de 2023.
- LUCCHESI, Dante. A realização do sujeito pronominal. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009b. p. 167-183. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/209/4/O%20Portugues%20Afro-Brasileiro.pdf>>. Acesso em 30 de março de 2023.
- LUCCHESI, Dante. *Língua e sociedades partidas: a polarização sociolinguística no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.
- LUCCHESI, Dante. A periodização da história sociolinguística do Brasil. *D.E.L.T.A*, São Paulo, n. 33, v. 2, p. 347-382, p. 2017. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/34369/23622>>. Acesso 30 de março de 2023.
- LUCCHESI, Dante. Por que a criouliização aconteceu no Caribe e não no Brasil? Condicionamentos sócio-históricos. *Revista Gragoatá*, Niterói, v. 24, n. 48, p. 227-255, jan.-abr. 2019. Disponível em: < <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33628/19615>>. Acesso em 30 de março de 2023.
- LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan. A Transmissão Linguística Irregular. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 101-153. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/209/4/O%20Portugues%20Afro-Brasileiro.pdf>>. Acesso em 30 de março de 2023.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/209/4/O%20Portugues%20Afro-Brasileiro.pdf>>. Acesso em 30 de março de 2023.

LUCCHESI, Dante; RIBEIRO, Ilza Teoria da estrutura e da mudança linguística e o contato linguístico. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 125-153. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/209/4/O%20Portugues%20Afro-Brasileiro.pdf>>. Acesso em 30 de março de 2023.

MATTOS E SILVA, Rosa Virginia. Uma compreensão histórica do português brasileiro: velhos problemas revisitados. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, v. 1, n. 25-26, p. 253-283, 2000. Disponível em: < https://www.prohpor.org/_files/ugd/c8e334_7dff1a6b8adc463981676db73b62da8d.pdf>. Acesso em 30 de março de 2023.

MATTOS E SILVA, Rosa Virginia. *Ensaio para uma Sócio-História do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.

MUFWENE, Salikoko. Prefácio. In: COUTO, Hildo Honório do. *Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

PINTO, Carlos Felipe; ANDRADE, Aroldo. Desmistificando a Gramática Gerativa como uma teoria associal e a-histórica da mudança linguística. *Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8, n. 2, p. 36-66, jul./dez. 2019. Disponível em: < <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/view/1891>>. Acesso em 30 de março de 2023.

RAPOSO, Eduardo Paiva. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Editorial Caminho, 1992.

SILVA, Jacson Balduino. *Efeitos da mudança sintática na realização do sujeito pronominal no português da comunidade quilombola Mussuca*. Orientadora: Profa. Dra. Norma Lucia Fernandes de Almeida. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2023.

TARALLO, Fernando; KATO, Mary. Harmonia trans-sistêmica: variação intra e interlinguística. *Predição 5*, Campinas, p. 315-353, 1989. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/download/3849/2827>>. Acesso em 30 jun. de 2022.

TARALLO, Fernando. Sobre a alegada origem crioula do Português Brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. São Paulo: Contexto, 2018[1993]. p. 29-53.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos Empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006[1968].

Recebido em 28 de março de 2023

Aceito em 10 de maio de 2023